

FANIA FÉNELON

**A PIANISTA  
DE AUSCHWITZ**

FANIA FÉNELON

A PIANISTA  
DE AUSCHWITZ

Tradução de  
Paula Caetano

alma  
dos  
livros

Dedico este livro  
às sobreviventes do campo de extermínio de Birkenau.

Fania Fénelon

## *Prefácio*

# E passaram trinta anos

**N**esta noite de outubro, chove sobre os dourados da Grand-Place de Bruxelas. Atrás de mim, sinto esta chuva leve e outonal a deslizar pelos vidros escuros do bar do hotel.

Na meia-luz suave, estão sentadas três mulheres a uma pequena mesa de carvalho encerado.

Há trinta anos que não se viam. Tinham, então e respetivamente, dezassete, dezanove e vinte e cinco anos. Saíam do campo de concentração de Bergen-Belsen. A morte desprezara-as; partiam para desposar a vida.

Estão aqui agora, e a sua elegância, com variações subtis, tem um perfume de burguesia com cambiantes diversas. *Ginfizz* e sumo de frutos que duas delas bebem distraidamente e sem sede; a terceira, Fania, esvazia o copo com avidez, a mesma com que viveu!

Em todas as pequenas frases banais e cautelosas, encaminham-se para as recordações que têm em comum. O esquecimento socorreu-as de formas diversas, a sua escuridão permitiu-lhes viver e, à semelhança dos seres noturnos, temem dolorosamente a violência de uns «faróis no máximo». Se, por entusiasmo, o seu coração se abriu a este reencontro, a mente, desconfiada, afligiuse: nenhuma destas mulheres é capaz de adivinhar a parte da sua vida no campo que as outras optaram por esquecer. No entanto,

Fania está ali, diante delas; sendo uma figura central do *Block* da música, catalisador de vida, a sua memória é um projetor cruel; as outras sabem que ela pouco ou nada esqueceu, mas, ainda assim, responderam ao seu apelo e ficaram felizes com isso.

Das três mulheres, Fania Fénelon é a mais baixa: tem um metro e meio de altura, os olhos de um azul intenso, e emana dela uma força de viver que as amigas saúdam com gratidão:

– Puxavas por todas nós. Se não te tivéssemos...

Não precisam de terminar as frases, elas sabem.

– Fazias-nos rir...

Encaram-me, a mim, a desconhecida, e confessam-me num tom grave:

– Ríamo-nos. Ríamo-nos como loucas...

– Sim... – acrescenta Anny. – Na orquestra, ainda podíamos rir-nos!

O riso que as ajudou a viver torna-as pensativas. Agora parecem questionar a sua legitimidade. Irena, cujos olhos azul-escuros mantiveram uma bonita candura, dirige-se a mim:

– Ríamo-nos e fazíamos música! Uma orquestra num campo de concentração parece algo inimaginável, não acha?

– Eu sabia que as havia em vários campos. Em Auschwitz, a orquestra masculina era célebre.

Perentória, Fania corrige-me:

– Não havia nos campos para mulheres. Nós fomos a única orquestra feminina. Não houve mais nenhuma.

Pensativa, Irena constata:

– A orquestra, na verdade, salvou-nos a vida!

Elas têm uma visão diferente, um conhecimento do destino, dos seus aparentes caprichos e dos seus milagres, que somente possui quem foi vítima dele. Falam cautelosamente de si próprias, aos poucos. O modo prudente com que se aventuram no passado confere um tom particular ao seu reencontro. O olhar dourado de Anny entenece-se com a imagem da Fania de ontem, que foi visitá-la hoje:

– Sabias que, se não tivesses estado lá, nunca teríamos resistido à loucura dos últimos meses...

– Como é que fizemos para continuar a viver? – admira-se Irena. – É uma coisa que nunca deixa de me surpreender.

– Tu, Fania, estavas tão certa de sair de lá – continua Anny –, estavas tão viva que não teríamos sabido como não te seguir...

– Disseste que farias um livro sobre a nossa orquestra e acreditámos em ti; eras a única capaz de o fazer. – Irena retrai-se um pouco, procura a proteção da sombra antes de confessar: – Não é verdade? Eu esqueci muita coisa!...

Ela não disse «felizmente», mas a palavra está lá, irradia, e Anny confirma, pronunciando um «eu também!» resolutivo e definitivo.

A reação firme de Fania tem algo de provocador:

– Pois eu não esqueci nada. Nada!

É com um misto de comiseração e de estima que as outras a olham e a ouvem:

– Sabem quando é que se iniciou o livro? A 15 de abril. Trinta anos certos após a nossa libertação.

Para mim, o dia evocado por Fania substitui-se ao momento presente; ao saber o que significava para ela, perguntara-lhe:

– Que sente atualmente em relação ao aniversário da vossa libertação?

Ela nem pensara. A sua resposta fora a de uma visionária.

– Há momentos em que voltamos a estar lá... E é então que revemos tudo tão nitidamente que temos realmente a sensação de lá estar...

– Porque é que diz «nós»?

– Porque não sou eu, somos nós. Lá, eu nunca estou só.

– Lembra-se disso com frequência?

– Tirando um dia como o de hoje, não sou eu quem se lembra disso, «isso» lembra-se por mim!

Tornando-se veemente, foi quase dolorosamente que gritou:

– Eu não quero! É principalmente à noite, sem que eu o queira, que regresso ao *Block* da música, em Birkenau, e «isso» acontece sem a minha intervenção. Nunca começa da mesma maneira: uma mulher grita, é a Florette ou a Irena; uma mulher chora, é a Anny ou uma outra, somos fustigadas por insultos, chovem

pancadas, é a Tchaïkowska... Todas as minhas noites, sabe... Passo lá todas as minhas noites...

– Na verdade, nunca saiu de lá?

Esta evidência culpabilizara-a. Fania juntara as suas pequenas e hábeis mãos de pianista e repetira, com uma espécie de resignação surpreendente naquela mulher: «Nunca saí do campo, continuo lá, passo lá todas as noites da minha vida... há trinta anos.»

Eu poderia acreditar que as três mulheres seguiram o fio dos meus pensamentos, pois Anny disse, pensativa:

– E esperaste trinta anos...

A resposta de Fania é muito simples:

– Primeiro, tal como vós, tive de viver. Viver a nossa juventude. Parecíamos umas velhas e tínhamos vinte anos! Eu precisava de mergulhar no calor dos outros, de comer, de fazer amor, de amar... e, principalmente, como vós, de me curar. Estava doente. Tinha de me *curar dos campos*. Isso demorou anos, uns atrás dos outros... Após trinta anos de silêncio, ao longo dos quais me esgotei a tentar esquecer o que não podia sê-lo, percebi que era escusado, que não esqueceria. Só me restava exorcizar a orquestra!

Marcelle Routier

A PIANISTA  
DE AUSCHWITZ



## «Não morras!»

— **S** *tirb nicht!*<sup>1</sup> Não sei o que me diz esta voz alemã; não consegue puxar-me do abismo negro em que me afundo, me atolo, mais profundamente a cada segundo. Há vários dias que já não tenho forças para manter os olhos abertos. Será a minha urina que ora me aquece, ora me enregela, ou a febre? O tifo esvazia-me onde estou. Vou morrer.

Sinto uma dor de cabeça atroz. Os gritos, o choro e os gemidos das raparigas fazem-na explodir em picos agudos, pequenos estilhaços de espelhos partidos que me dilaceram e se enterram no meu crânio.

Ordeno à minha mão que os arranque. A minha mão é uma garra de esqueleto que não me obedece. Os ossos devem ter-lhe perfurado a pele. Ter-se-á soltado de mim? Impossível. Preciso de manter as minhas mãos, para poder tocar piano. Tocar piano... Os ossinhos na ponta do meu braço só devem servir para tocar *A Dança da Morte*, rio-me...

Não, não estou louca, mas a ideia é engraçada! Tenho sede, uma sede atroz. As SS cortaram a água. Há vários dias que não nos dão nada para comer. Há muito tempo que não sinto fome.

---

<sup>1</sup> Não morras!

Torno-me leve, paio em cima de uma nuvem, enterro-me nas areias movediças que me absorvem... Não, voo em algodão. Estranho...

Estou suja... Felizmente, arranjei um truque: lavo-me com a minha urina e fico mais fresca. Não posso desistir, tenho de me manter limpa. A urina não é suja. Se tiver sede, posso bebê-la; aliás, já bebi.

Não sei que horas são. Que dia é hoje? Isso eu sei. As raparigas contam os dias: é 15 de abril. Que importa? É um dia igual aos outros. Mas onde estou, ao certo? Já não estou em Birkenau? Lá, éramos quarenta e sete, éramos «as senhoras da orquestra»... Aqui, em Bergen-Belsen, neste barracão sem janelas, somos mil... quase cadáveres. Meu Deus, que fedor!... Já consigo lembrar-me: chegámos aqui a 3 de novembro de 1944.

Que confusão infernal na minha mente... É de dia? É de noite? Desisto, é demasiado penoso... Apago-me.

Por cima de mim, sobre o meu rosto, um sopro... um cheiro indefinido, um perfume delicioso.

Uma voz atravessa as camadas de algodão, sobrepõe-se aos zumbidos que me ressoam nos ouvidos:

– *Meine kleine Sängerin*<sup>2</sup>...

«Pequena cantora»... Todas as SS me chamam assim.

– *Stirb nicht!*<sup>3</sup>

É uma ordem. Mas estou-me nas tintas. Já não recebo ordens. O meu cérebro traduz, mas já não comanda.

Entreabro os olhos e vejo a *Aufseherin*<sup>4</sup> Irma Grese, a SS à qual chamam «Engel», o *Anjo*, por causa da sua aparência física. As suas divinas tranças louras, que formam uma espécie de auréola de luz, os seus olhos azuis e a sua tez maravilhosa flutuam numa névoa. Ela abana-me:

– *Stirb nicht! Deine englischen Freunde sind da!*<sup>5</sup>

<sup>2</sup> Minha pequena cantora.

<sup>3</sup> Não morras!

<sup>4</sup> Vigilante das SS.

<sup>5</sup> Não morras! Chegaram os teus amigos ingleses!

Será possível que esta valquíria tenha uma espécie de expressão divertida no olhar? Parece achar piada a isso!

Volto a fechar os olhos. Ela cansa-me.

– O que é que ela te disse? – perguntam a Irena grande e a Anny.

Repito-lhes a frase em alemão.

– Diz-nos isso em francês. Traduz!

– Já não me lembro.

– Mas... Acabaste de o dizer em alemão.

Elas exaurem-me, já não sei, calo-me...

– Fala...

A voz delas suplica:

– Não morras!

Parece haver um clique e repito-lhes:

– Não morras! Chegaram os teus amigos ingleses...

Ficam dececionadas:

– Só isso... – murmura a Irena pequena.

Florette intervém:

– Tretas! Já nos vieram com essa conversa sobre os russos, os ingleses e os americanos. Em Auschwitz, enfiaram-nos dezassete vezes essa patranha!

Ouço a voz pausada da Irena grande:

– E se for verdade?

A voz de Anny é sonhadora:

– Se pudéssemos acreditar e que isto acabasse, agora, assim...

Perco parcialmente os sentidos e mal ouço as exclamações de Florette.

Meu Deus, tenho tanto calor! A minha língua é um enorme pedaço de cartão. Dai-me de beber!... A minha lucidez anda à deriva. De muito longe, como se viessem do fundo de um funil, chegam-me vozes familiares:

– Ouve, Irena, não vês que acabou? Ela deixou de respirar. O meu caco de vidro não embacia... Este truque não engana; até o utilizam nos hospitais.

– Tenta outra vez... Talvez ela não tenha morrido.

De quem estão elas a falar? Quem é que morreu?

Ah! A morta sou eu? Elas irritam-me. Tenho um caso grave de tifo, mas ainda não me fui. Quero saber o final da nossa história. Irei testemunhá-lo.

Em redor do bloco, berros, apitos... Uma onda de medo espalha-se pelo barracão, fá-lo vibrar. Por detrás do barulho das botas, o ruído de fundo das metralhadoras, que continua a cortar o ar do campo de tiro<sup>6</sup>. De dia e de noite, os taque-taque, taque-taque fazem-nos vibrar o cérebro... Os metralhadores são miúdos, alguns têm apenas quinze anos!

– Não vão mandar aqueles miúdos abater-nos, pois não?

– Achas que vão fazer cerimónia? – troça Florette.

– Mas são crianças!

Desde a manhã, corre o rumor de que os SS receberam ordens para nos eliminar. Este rumor não é como o da libertação do campo. Acreditamos nele, parece «verdadeiro».

De diversos cantos do barracão, de vários andares das *cojas*<sup>7</sup>, rebentam gargalhadas de loucas. Uma voz demente pergunta:

– As horas... As horas? Quero saber as HORAS!

– Para que raio queres saber as horas?!

A voz torna-se mais baixa:

– Eles vão metralhar-nos às três horas.

A voz encarna-se e, a seguir, enfraquece e recomeça: «AS HORAS!» Parece um vômito forte que sobe, sai, diminui e regressa.

Uma voz sentimental delira sobre a primavera, as flores, os passarinhos. Isso ainda deve existir algures. Aqui não há nem um ramo para as suas patinhas. Por isso, as flores e os passarinhos... Julgo que, se não me sentisse tão exausta, até acharia piada.

Lá fora, tudo continua igual... Afinal, não. Ouvem-se barulhos diferentes. Correm, interpelam-se. Não percebo nada. A minha cabeça incha, incha, torna-se tão grande como o barracão, acumula todos os ruídos... É o contentor deles. Já não tenho pensamentos. Nem imagens por detrás dos meus olhos fechados. Afundo-me

<sup>6</sup> Dentro do recinto, havia um campo de treino, para dar formação aos jovens recrutas, que o protegeriam, esperava-se, dos bombardeamentos dos Aliados.

<sup>7</sup> Beliches (em polaco).

no barulho, ele absorve-me, digere-me, transformo-me em barulho... Sou uma caixa de ressonância... e... sonho com o silêncio!...

Não, não estou a sonhar, instalou-se o silêncio. As metralhadoras calaram-se. Parece um grande lago calmo. Deixo-me ir para as suas águas...

Devo ter adormecido, terei perdido novamente os sentidos, por quanto tempo? Atrás de mim, o som familiar da porta a abrir-se. Um homem fala ao longe, muito ao longe... Que diz ele? Ninguém lhe responde. Não é normal. Que se passa? Chegam-me aos ouvidos palavras estranhas, é uma língua que conheço, são palavras INGLESAS.

De todos os lados, soltam-se gritos, ouço mulheres a saltar das *cojas*, correm... Não é possível, estou a delirar.

As raparigas, estas raparigas de quem tanto gosto, lançam-se sobre mim, abanam-me:

– Fania, acorda!

– Estás a ouvir? Chegaram os INGLESES! Tens de falar com eles.

Um braço desliza por baixo dos meus ombros, ergue-me:

– Fala...

Eu bem queria, mas como fazê-lo com o escalope de couro que tenho na boca?

Abro os olhos, fantasmas entre o nevoeiro... e, de repente, eis que o vejo: tem na cabeça um pequeno capacete achatado, está de joelhos, bate com o punho no peito e baloiça, repetindo:

– *My God, my God!*

Parece um judeu diante do Muro das Lamentações.

Ele tem os olhos azuis, e não é o azul alemão! Tira o capacete e é adoravelmente ruivo! Tem o rosto todo salpicado de pintas cor de farelo e um narizinho engraçado. As sardas nas suas mãos são amorosas. Lágrimas grossas deslizam-lhe pela face, lágrimas de miúdo. É terrível e cómico:

– *Can you hear me?*<sup>8</sup>

Murmuro:

---

<sup>8</sup> Consegue ouvir-me?

– *Yes...*

Gritos de alegria, as raparigas ficam frenéticas:

– Pronto! Ela ouviu-o, está a responder-lhe!

À minha volta, é a loucura, elas dançam. Dançam, levantando as pernas tão alto quanto conseguem. Algumas atiram-se para o chão, beijam-no, rebolam-se na porcaria, choram, riem-se... Outras vomitam. É algo de incrível, é o Inferno! E é a alegria!

Chovem perguntas:

– De onde vêm eles? Como chegaram até aqui, a este campo maldito? Sabiam que estávamos aqui? Pergunta-lhe...

Ele responde-me:

– Não, foi por mero acaso que vos descobrimos. Não sabíamos que havia aqui um campo de deportados. Ao sairmos de Hanôver, perseguimos os alemães pelas florestas e, diante de nós, apareceram SS com uma bandeira branca.

Uma mulher intervém:

– Massacraram-nos?

– MA... SSA... CRÁ... MOS? – repete o bife, abanando a cabeça.

Traduzo para ele.

– Não sei... Sou um simples soldado.

À nossa volta, as raparigas berram:

– É preciso fazê-los sofrer, é preciso matá-los a todos! **TODOS.**

Esta explosão de ódio que sinto profundamente abala-me; também quero gritar, ergo-me e volto a deixar-me cair, estou demasiado fraca. Agora, pela primeira vez, sinto-me a morrer. Ao meu redor, tudo se torna novamente confuso. Contudo, sorrio, ou melhor, acho que sorrio. Bem vistas as coisas, fui libertada! E apago-me.

Irena apercebe-se e grita:

– Não, não. Ela, não. É demasiado injusto!

O «injusto» parece-me maravilhoso e cómico.

Uma rapariga grita:

– Canta, Fania! Canta, Fania!

Esta ordem galvaniza-me, agarro-me ao sopro de vida que me resta; abro a boca, tenho de cantar...